ISSN Online 2357-755X

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E CULTURA DIGITAL: UMA PROPOSTA EM EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

SÉRIE PATRIMÔNIO CULTURAL E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

IPHAN

Presidenta da República
Dilma Rousseff

Ministra de Estado da Cultura
Marta Suplicy

Presidenta do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Jurema Machado

Diretoria do Iphan
Andrey Rosenthal Schlee
Célia Maria Corsino
Luiz Philippe Peres Torelly
Marcos José Silva Rêgo
Robson Antônio de Almeida

CORPO EDITORIAL

Editor-chefe - Luiz Philippe Torelly

Editor-assistente - Rodrigo Ramassote

Equipe Editorial
Sônia Regina Rampim Florêncio
Pedro Clerot
Juliana Bezerra
Maria Regina de Silos Nakamura
Márcia Oliveira de Almeida Lima
Kleber de Souza Mateus
Diana Dianovsky
Ivana Cavalcanti
Desirée Tozzi
Juliana de Souza Silva

PUBLICAÇÃO IRREGULAR / IRREGULAR PUBLICATION

Coordenação de Educação Patrimonial (CEDUC)
SEPS 713/913 | Lote D | 4º andar
70390-135 - Brasília/DF
Fone:(61) 2024-5456/5457/5458

e-mail: patrimonio.extensao@iphan.gov.br

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E CULTURA DIGITAL: UMA PROPOSTA EM EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Luciana Chianca[1]
Marinalda Pereira de Araújo
Patricia de Araújo Leandro
Mohana Ellen Brito Rodrigues de Morais
Jessyca Marins
Aldenise Batista Silva

RESUMO

O presente artigo aborda o processo de preparação e execução das Oficinas Pamin, seus pressupostos teórico-metodológicos, técnicas e experiência de atuação em comunidades urbanas entre 2012 e 2013. No Programa Pamin (Patrimônio, memória e interatividade), estas Oficinas comportam atividades de educação patrimonial através da cultura digital e se configuram como prática de extensão universitária relacionada à pesquisa e ao ensino cotidianos da UFPB, onde ela articula saberes da antropologia, da informática e das mídias digitais, integrados num Programa de Extensão (Proext/Mec-Iphan). As Oficinas Pamin buscam fomentar diálogos entre a Universidade e seu público alvo, acerca das temáticas do patrimônio imaterial, diversidade cultural, cultura digital, memória e identidade, enquanto efetivam a possibilidade de capacitação dialógica e reflexiva desses públicos, e produzem um site desenvolvido para a divulgação e armazenamento espaço-temporal de patrimônios culturais locais.

Palavras-chave: Patrimônio. Extensão. Digital. Pamin. Inclusão.

ABSTRACT

This article discusses the process of preparation and implementation of Pamin's workshops, its theoretical and methodological principles, techniques and experience of work in urban communities between 2012 and 2013. In the Pamin Program (Patrimônio, memória e interatividade), those workshops comprises activities of heritage education through digital culture and configures itself as practice of academic extension related to the daily research and teaching of UFPB, where knowledges of anthropology, data processing and of digital media are articulated as part of an Academic Extension Program (PROEXT/ Mec -Iphan). Pamin's Workshops seek to foster dialogues between the University and its target-public, about the themes of intangible heritage, cultural diversity, digital culture, memory and identity, while actualizes the possibility of dialogical and reflective capacity building of those

[1] Luciana Chianca é professora Associada do Departamento de Ciências Sociais da UFPB, membro permanente do Programa de pós-graduação em Antropologia da UFPB, pesquisadora do Lavid/UFPB e coordenadora do Programa Pamin. Patrícia Leandro, Marinalda Araujo, Mohana Morais, Aldenise Silva e Jessica Marins são alunas do Curso de Ciências Sociais da UFPB e bolsistas do Pamin (PROEXT/MEC-Iphan ou PIBIC/CNPQ).

public, and produces a website developed for the dissemination and storage of spatio-temporal local cultural heritage.

Keywords: Heritage. Extension. Digital. Pamin. Inclusion.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta a experiência do Pamin (Patrimônio, Memória e Interatividade)[2], em suas Oficinas de Educação Patrimonial e Inclusão digital, ministradas desde novembro de 2012 em João Pessoa (PB) e Rio Tinto (PB), nas quais nossa ação se dirige aos que não tem acesso à informação ou à divulgação sobre suas produções artístico-culturais. O Programa Pamin é executado pelo Lavid/UFPB[3] e propõe a educação patrimonial através da inclusão digital, ou seja; ela se situa num campo onde a cultura digital é vista como uma ferramenta de inclusão e cidadania, e não como fim em si mesma:

> Alguns tratam a cultura digital só como uma tecnologia, só como uma técnica, como uma novidade [...]. [...] se pensarmos como cultura e não como só como suporte, acredito que captamos a essência desta transformação, que é a cultura das redes, do compartilhamento, da criação coletiva, da convergência. São processos vivos de articulação, processos políticos e sociais, que impactam nosso modo de vida, de construção e formulação. (MANEVY, 2009, p.35).

Propiciando visibilidade ao patrimônio imaterial local e facilitando o acesso à informação, o Pamin dissemina informações espaço/temporais sobre manifestações artísticas e culturais no presente, passado e futuro num site internet geo-referenciado de utilização livre e gratuita e sempre atualizado; www.pamin.lavid.ufpb.br.

O site Pamin também pode fomentar a constituição de redes entre os seus atores, o que potencializa seu protagonismo e participação política, sem a mediação de empresas ou mercados:

> A comunicação entre computadores criou um novo sistema de redes de comunicação global e horizontal que, pela primeira vez na historia, permite que as pessoas se comuniquem sem utilizar os canais criados pelas instituições da sociedade para a comunicação socializante. (CASTELLS, 2005, p.24).

[2] O Pamin é financiado pelo Ministério da Educação/ IPHAN através do Edital Proext, em 2012, 2013 e 2014.
[3] O Núcleo de Pesquisa e Extensão Laboratório de Aplicações em Vídeo-digital (UFPB).

A utilização de ferramentas digitais como o Pamin para a difusão e educação patrimonial, possibilita inclusive- num plano epistemológico- conhecer a representação e a catalogação nativa destas expressões, ″além de contar com o armazenamento em um suporte digital de consulta posterior livre e gratuita″ (CHIANCA, 2013, p.104), que funciona como um repositório de informações, podendo ser considerado um "levantamento" nativo, preliminar a um inventário ou pesquisa científica ulterior.

Assim, o programa Pamin se desenvolve a partir de três eixos principais: a pesquisa, a extensão e o ensino. Primeiramente a criação reflexiva e dialógica do site Pamin por alunos de graduação e pós-graduação, apoiados por pesquisadores do Núcleo Lavid/UFPB[4] desenvolvendo pesquisas relacionadas ao patrimônio e à tecnologia associada à cultura[5]. Além destas atividades de pesquisa relacionadas ao Programa em suas áreas de estudo dominantes (antropologia e informática), ao longo do ano o Pamin realiza uma formação continuada para intervenção em extensão universitária dos alunos bolsistas (e monitores) nas Oficinas Pamin.

Esta preparação cabe à equipe coordenadora/tutora que propõe temas conexos à extensão universitária, cultura digital, desigualdade e exclusão, extensão universitária, educação popular, cultura popular e patrimônio. Finalmente, temos as Oficinas Pamin de Educação patrimonial e inclusão digital, ministradas pelos bolsistas Pamin nas comunidades atendidas, discutindo os temas da educação patrimonial e da cultura digital e aproximando os seus alunos da utilização plena do site Pamin- realizado pelos estudantes da UFPB em relação dialógica e reflexiva junto aos inscritos nas Oficinas Pamin, buscando sugestões para seu aprimoramento e adequação às realidades locais.

Além de contribuir com a formação patrimonial local dos alunos inscritos nas Oficinas, o programa Pamin prepara os alunos da UFPB para sua participação na vida social e nos

[4] Totalizando 16 alunos da UFPB e bolsistas Pamin: do Edital PROEXT/MEC-Iphan, alunos de c. sociais, computação e mídias digitais e bolsistas PIBIC de Ciências sociais, supervisionados por professores e pesquisadores permanentes (de informática, sociologia e antropologia), com colaborações pontuais de pesquisadores convidados das área conexas de educação, história, ciências da computação, comunicação social, antropologia e sociologia da UFPB e de outras instituições, além de grupos externos como a Universidade das Quebradas (UFRJ).

[5] Dentre tais produções destacamos a dissertação de Mestrado de Ana Cláudia da Silva, no Programa de Pós-Graduação em Informática da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra. Tatiana Aires Tavares e da Profa. Dra. Valéria Gonçalves Soares. SILVA: 2012)

engajamentos políticos que a extensão universitária suscita, conquanto sabemos que tais experiências propiciam ″espaços para os sujeitos envolvidos refletirem sobre o seu mundo, visando a sua transformação (...)" Toscano (2011, p.15) e permitem o questionamento sobre sua vida acadêmica, reposicionando a Universidade na sua formação humana, não apenas para

> formar profissionais, mas produzir cultura, participar da dinâmica da sociedade, refletir juntos com os atores sociais os problemas presentes, pensar o mundo, o local e apreender os diferentes saberes existentes na sociedade. (TOSCANO, 2011, p.15).

Sabemos ainda, com Toscano (2011), que ao longo da sua história a Universidade brasileira foi marcada por um distanciamento dos setores populares e de seus saberes- por sua própria concepção e ideário elitista. No entanto, tal realidade começa a se reconfigurar a partir dos anos 1980, ganhando maior consistência em 2000-2001, quando se publica o Plano Nacional de Extensão Universitária, que

> [...] retira a extensão universitária da condição de terceira função da universitária (junto com o ensino e a pesquisa) para percebê-la e recepcioná-la como o "cimento" que deve unir, da maneira mais consistente possível, aquelas duas outras funções, num fazer universitário marcado pelo diálogo com a realidade social. (ANDRADE, 2006).

Independentemente dos avanços da Universidade publica brasileira no sentido de sua incontestável democratização desde o primeiro governo Lula (2003-2010), sobretudo através do Programa Reuni[6], subsiste um grande distanciamento entre os saberes científicos e populares no seio da própria Universidade onde paradoxalmente muitos de seus alunos tem origem popular e um amplo arsenal de conhecimentos nesta esfera- que costumamos opor à "cultura científica" e aos saberes acadêmicos. No entanto, conhecemos a prerrogativa de que o saber é transformador na medida em que opera uma comunicação entre os diferentes saberes em ação num mesmo campo.

Metodologias de pesquisa bastante experimentadas mundialmente, como a pesquisa-ação também destacam a importância das metodologias dialógicas no desenvolvimento de processos e técnicas como, por exemplo, na área da informática, já que "tem sido pensada como instrumento adaptado ao estudo, em situação real, das mudanças organizacionais que acompanham a introdução de novas tecnologias, principalmente as baseadas na informática." (THIOLLENT, 1986).

[6] http://reuni.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=25&Itemid=2

Nas Oficinas Pamin partimos do pressuposto que a dialogia também se constrói num "encontro amoroso" onde as partes se comunicam em um diálogo de unidade pedagógica, numa *práxis* de reconfiguração dos diversos saberes/fazeres. O resultado dessa recíproca influência é um processo de conhecimento duradouro e seguro; porém mais lento que um saber tecnicista, pois aqui não há "adestramento técnico." (FREIRE, 1983).

Assim, a Formação Continuada Pamin busca propiciar aos nossos estudantes universitários-monitores das Oficinas- uma percepção crítica do ensino/aprendizagem que opere um re-investimento da sua percepção sobre a atividade extensionista: esta transformação "não se faz mediante um trabalho em nível puramente intelectualista, mas sim na práxis verdadeira, que demanda a reflexão constante sobre a realidade e a reflexão desta ação" (FREIRE, 1983, p. 62). As Oficinas Pamin propiciam um campo praxiológico onde os monitores são agentes e atores da mudança junto à comunidade, "conscientizando-os e conscientizando-se ao mesmo tempo." (FREIRE, 1983, p. 61).

Capacitando os usuários de internet a utilizar uma ferramenta tecnológica (um programa de computador via internet) e sensibilizando esse público uma sensibilização de sua percepção patrimonial, os monitores da Oficina Pamin provocam e são provocados por seus alunos, configurando um aprendizado que não corresponde ao "adestramento" ao qual se refere Freire (1983, p. 62), pois não se trata do "ato ingênuo de transferir ou "depositar" contendas técnicas. É, pelo contrário, o ato em que o proceder técnico se oferece ao educando como um problema ao qual ele deve responder".

Assim, segundo Michel Thiollent (1986) a dialogia pode

> facilitar a implementação e a assimilação das novas técnicas informáticas, a circulação da informação, a aprendizagem coletiva, a organização de trabalho em grupos com reunião de competências variadas" e também pode "melhorar as condições de uso e as adaptações dos equipamentos. (THIOLLENT, 1986, p. 86).

Se as Oficinas objetivam relacionar a aquisição de saberes digitais e patrimoniais à dinâmica sócio-cultural de cada bairro e cidade onde elas são propostas à comunidade, para nossos bolsistas as Oficinas Pamin de educação patrimonial, tornam-se um meio de disseminar o conhecimento do site Pamin, ao mesmo tempo que despertam nesses atores sociais a possibilidade de refletir sobre si mesmos e os diferentes elementos culturais que encontram no

seu cotidiano, despertando o sentimento a valorização da cultura local- sentimento importante para que se desperte o desejo de conhecer e manter o patrimônio imaterial e material que fazem parte da historia desses atores, sabendo que

> a noção de preservação é diferente de conservação. Preservação e você ver o que há de valor ali. E não se trata de congelar aquilo, mas permitir que, em função do valor especifico e imanente que aquilo tem, possa continuar se desdobrando. (SANTOS, 2009, p. 291-292).

PATRIMÔNIO E CULTURA DIGITAL NAS OFICINAS PAMIN

"Patrimônio imaterial", "memória" e "cultura digital" são termos de grande amplitude de sentidos. Cabe então explicitar que a definição do patrimônio imaterial que marca o escopo do nosso projeto tem como referência o texto constitucional brasileiro no seu Art. 216[7], destacando (para a fase atual do programa Pamin) saberes, celebrações, linguagens e espaços das referências culturais locais, e enfatizando "os processos de produção, reprodução e mudança cultural, bem como sobre os mecanismos que articulam esses processos à formação do patrimônio cultural e da memória social" (ARANTES NETO, 2000, p. 23).

Por memória, consideramos o conjunto de elementos simbólicos e materiais que fundamentam as identidades coletivas. Se no Brasil, esta memória tende a se apresentar como linear e progressiva, ela convive amplamente com a memória cíclica, como testemunham as festas religiosas e populares e naquelas em que há relação com calendários - representando recomeços ou "eternos retornos". Como *performances* esses eventos também representam nossa memória social, reconectando pessoas e coletividades, e estas com seu passado (real ou imaginado).

Os “patrimônios culturais’ podem ser compreendidos como "coleções" através se definem identidades pessoais e de coletividades, como definiu Gonçalves (2001). Nas festas juninas,

[7] "Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico".

por exemplo, podemos observar as transformações ocorridas nas quadrilhas juninas no decorrer dos anos, e onde se percebe a valorização da "autenticidade" das festas de "antigamente": a memória social recupera o "interior" como uma referência significativa central, que alcança o movimento estilizado de quadrilhas nos anos 1980 e 1990, e que utiliza uma linguagem diferente para falar de um "novo homem rural". (CHIANCA, 2010).

Além de discutir os limites políticos e éticos dos registros patrimoniais *("*como fazê-lo sem selecioná-los ou engessá-los*?")*, Costa e Castro (2008) destacam outro importante desafio da educação imaterial: "É possível dar continuidade a um fazer, um saber ou um modo de viver sem cair no erro de se impor sobre a dinâmica própria que essas comunidades ou grupos possuem quanto à continuidade, manutenção e preservação de suas tradições e costumes*?"*.

Nesse sentido, partilhamos a perspectiva do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial que preconiza a "abordagem das expressões culturais no contexto social e territorial em que se desenvolvem, (o que) requer a atenção com as condições sociais, materiais e ambientais que permitem sua realização e reprodução." (PORTA, 2012, p. 34). Tal perspectiva contempla a dinâmica desse patrimônio, que é considerado como um processo e não como um produto ou forma acabada.

Tais perspectivas de Identidade e de Memória emergem pois como centrais ao debate do patrimônio imaterial no Pamin. Como referem-se à identidade cultural e artística das sociedades e enquanto portadoras da sua diversidade cultural, elas constituem um desafio intelectual e político suplementar e constante para o extensionista/ pesquisador/ professor, que deve remeter às comunidades a "atribuição de valor patrimonial" aos processos que "traduzam sua identidade (e) que constituem suas referencias, e que por isso devem ser valorizadas e preservadas." (PORTA, 2012, p. 34).

Cabe então perceber como tais atores interagem nesse processo, e captar eventuais impactos artísticos, culturais e políticos do Pamin, proposta como alternativa aos circuitos convencionais de circulação da informação e da divulgação de eventos e práticas artísticas e culturais representados pelas mídias locais Barbosa e Chianca (2012). Poderia o Pamin fomentar o conhecimento mútuo das produções locais, constituindo e/ou fortalecendo redes sociais de artistas, grupos culturais e gestores? Como o PAMIN pode promover a formação

artístico-cultural, inclusão digital e reconhecimento da diversidade cultural local através da Internet?

Buscando aprofundar essas reflexões e apresentar os conceitos básicos da questão patrimonial brasileira com o uso de uma ferramenta digital, vimos promovendo Oficinas de Inclusão digital e Patrimonial num processo dialógico de elaboração interdisciplinar, enfrentando os desafios educacionais e culturais acima expostos mas também institucionais, políticos, financeiros e organizacionais inerentes a uma experiência que comporta o ensino, a pesquisa e a extensão universitárias, com uma complexidade potencializada- pois envolve também a sociedade civil, com suas demandas, expectativas e aspirações.

Na cidade de João Pessoa, realizamos parcerias regulares desde 2012 com uma Organização não-governamental nacional (Fé e Alegria do Brasil)[8] e junto ao CRAS (Centro de Referência em Assistência Social) da Prefeitura Municipal de João Pessoa[9], sendo a primeira localizada nas franjas de um bairro socialmente desfavorecido, e a segunda no núcleo deste bairro: Mandacaru.

Este último desfruta à nível local de uma identidade "exacerbada" (COSTA, 1999) de bairro "popular tradicional", com forte dinâmica comercial e urbana, e diversificada representação artística e cultural e com grupos de dança e autos tradicionais em plena efeverscência: o Coco de Roda, Tribos de Índios, La Ursas, Ciranda, Barca (ou Nau Catarineta) e Maracatu, além de escolas de samba, grupos de hip-hop, quadrilhas juninas e outras expressões populares urbanas. Mandacaru

> possui uma intensa atividade de pequeno comércio, entre as quais é possível destacar feiras, lanchonetes, bares e vendas/serviços (consertos de eletrodomésticos, móveis e oficinas mecânicas). No entanto, nos últimos anos, o bairro tem tido enorme visibilidade negativa, associada principalmente ao tráfico de drogas e ao crescente número de crimes contra a pessoa, notadamente assassinatos, engendrando esquemas de percepção estigmatizantes, tanto do bairro como de seus moradores. (ABDALLA; CASTILLEJO; CHIANCA, 2013, p. 32).

[8] Mais informações sobre esta ONG e suas formas de atuação podem ser acessadas através do site http://www.fealegria.org.br/linhas_atuacao.asp

[9] A Oficina realizada com o CRAS de Mandacaru mobilizou também a Secitec (Secretaria de ciência e tecnologia) de João Pessoa, que propiciou a utilização da Estação digital de Mandacaru, para a realização das sessões com utilização de computadores. Mais informações sobre os CRAS e suas formas de atuação podem ser acessadas através do site http://www.joaopessoa.pb.gov.br/secretarias/sedes/cras/

Neste bairro de João Pessoa (PB)[10] propusemos 04 turmas junto à ONG Fé e Alegria em 2012 e 03 em 2013, assim como uma turma junto ao CRAS em 2013, atingindo um público de mais de 100 residentes neste bairro ou em suas imediações[11]. A Oficina "Pamin: Cultura Digital e Patrimônio" propõe atividades de educação complementar de 24 horas/ aula oferecidas regularmente, no ritmo de uma ou duas vezes por semana, segundo a disponibilidade interesse dos parceiros e seguindo um Termo de Referência previamente acordado por ambas as partes (Pamin/Parceiro).

A Oficina Pamin é gratuita e discute as questões de cultura digital e patrimônio locais através de debates, exibição de documentários, trabalhos manuais e outras dinâmicas pedagógicas, buscando estimular a reflexão crítica sobre o repertório e acervo culturais do bairro e seus moradores e ressaltando a importância da produção artística e cultural da comunidade. A Oficina também apresenta algumas noções fundamentais da educação patrimonial, como a diversidade cultural, memória, autenticidade, tradição e reinvenção nos patrimônios culturais (material e imaterial).

As Oficinas Pamin foram preparadas ao longo dos meses que antecederam seu inicio[12], através da Formação Continuada Pamin, que consistiu numa formação inicial dos alunos da UFPB (futuros monitores da Oficina) para a prática extensionista, através da discussão teórica de temas da diversidade cultural, cultura urbana e popular, cultura digital, desigualdade e exclusão social, através da leitura de debate de autores, assim como da visualização coletiva de filmes e documentários, além de palestras abordando temas correlatos ou diretamente relacionados com o tema da educação patrimonial e da cultura digital. Nesta preparação, destacamos também a realização de um mini-curso sobre educação popular formação continuada do qual participaram os bolsistas Pamin e os educadores da ONG Fé e Alegria, e

[10] Também realizamos uma Oficina Pamin em Rio Tinto (PB), por ocasião da III Semana de antropologia da UFPB em 2013. No entanto, para efeitos deste artigo nos detivemos aos relatos e reflexões sobre as experiências em Mandacaru (João Pessoa- PB), em 2012 e em 2013, por três razões que devemos mencionar: 1) trata-se de um contexto popular, com crianças, jovens e adultos do bairro; 2) São Oficinas paralelas desenvolvidas em simultâneo (ou quase), constituindo "casos" "semelhantes"; 3) são experiências que se renovaram durante dois anos.

[11] Em Mandacaru, as Oficinas envolveram 110 alunos. No ano de 2012 foram 04 turmas, totalizando 42 inscritos na ONG Fé e Alegria. Em 2013 também foram 04 turmas, sendo 01 no CRAS e 03 na ONG Fé e Alegria, totalizando 68 alunos.

[12] Apesar de dispor de um laboratório de informática, a ONG Fé e Alegria não estava conectada. Assim as primeiras visitas do Pamin à ONG foram realizadas por uma equipe técnica do Núcleo Lavid/UFPB que viabilizou tecnologicamente o funcionamento deste laboratório para a realização da Oficina Pamin.

onde foram travados os primeiros contatos entre os futuros ministrantes da Oficina (os bolsistas) e alguns mediadores sócio-educativos da ONG que se fizeram presentes.

Desde que soubemos qual o quantitativo de alunos por turma da Oficina[13], os bolsistas foram divididos em grupos de 03 a 05 alunos (sempre integrando estudantes de ciências sociais, computação e mídias digitais), para o inicio do planejamento das 24h/a da Oficina Pamin, divididas em seis ou doze sessões de 04 H/aula ou 02 H/aula. As equipes se reuniam ao longo da Formação Continuada, para debater idéias, elaborar material didático e compartilhar críticas e sugestões ao Programa Pamin (site/pesquisa, Oficina/extensão, formação continuada/ ensino), coletivamente aos envolvidos; professores e alunos.[14]

Como destacou um dos alunos, "foi preciso **nos educarmos***",* antes de propor as Oficinas: certas diferenças não deveriam ser desnecessariamente reforçadas na relação com os alunos (como a de poder econômico ou autoridade), e também a importância relativizar o tempo e a qualidade do aprendizado dos alunos da UFPB e o dos jovens da comunidade, buscando identificar o que dificulta o aprendizado dessas pessoas para superar juntos. Os conteúdos deveriam ser expostos de clara e dinâmica, evitando a linguagem "formal" corrente e valorizada por muitos na Universidade.

Pois, mesmo se cada equipe de bolsistas manteve autonomia para preparar seu Plano de aulas, com uma base de conteúdos comuns (um "currículo mínimo do Pamin"), com liberdade na escolha do material didático conveniente (slides, filmes, revistas, etc.), seus Planos de curso finais foram discutidos e aprovados pelos professores ao longo da Formação Continuada dos bolsistas, mantendo uma constante preparação para a realização da Oficina.

Como parte do material didático, os bolsistas organizaram 03 seqüências de slides que ajudaram nas sessões teóricas da Oficina, reunindo as expertises dos bolsistas de Ciências Sociais, Mídias Digitais e Comunicação, que se dividiram em três grupos: um sendo responsável por um slide abordando a “Diversidade cultural” e outro grupo responsável por

[13] As Oficinas Pamin são ministradas para turmas de 10 a 20 alunos, jovens e adultos, segundo a disponibilidade de micro-computadores e espaço físico para as aulas.

[14] O Programa Pamin conta com 02 “tutores”: a profa. Geovânia Toscano, socióloga e tutora da equipe de ciências sociais; prof. Lincoln David, cientista da computação e tutor da equipe de informática e mídias digitais, e um coordenador geral do projeto, profa. Luciana Chianca, antropóloga. Entretanto, para atividades de pesquisa, ensino e extensão pontuais contamos com o corpo de pesquisadores do Lavid/ UFPB, além de colaboradores e consultores externos.

um slide que falasse sobre "Cultura Digital". Os alunos de computação prepararam um terceiro, apresentando o site e suas formas de navegação. Durante a Formação Continuada o conteúdo e apresentações dos slides foram discutidos por todos, que progressivamente incorporaram ao seu material as sugestões dos colegas quando elas eram julgadas convenientes. A coordenação do Pamin revisou, ao final, esses slides e os aprovou, com pequenos ajustes, para a utilização nas Oficinas.

O mesmo é feito com relação ao site Pamin, quando -ao longo do seu permanente aperfeiçoamento- todos os bolsistas são apresentados aos resultados, para propor um ponto de vista crítico, diferente e externo. Como um Programa que envolve distintas áreas, o Pamin é resultado desse trabalho conjunto e com participação integrada em todas as suas fases, o que faz dele um projeto interdisciplinar e colaborativo[15].

Além da Formação Continuada, alguns bolsistas do Pamin tiveram a oportunidade de participar de um curso sobre Educação Patrimonial em 2012 e 2013, oferecido pela Casa do Patrimônio de João Pessoa[16], o qual foi fundamental na formulação de nossos planos de aula e projeto de Oficina, pois eles proporcionaram um espaço de debates e reflexão de grande potencial, muitos dos quais foram incorporadas pelo Pamin.
Como ressalta Andrade (2006),

> [...] o principal desafio de quem se lança no trabalho com comunidades e grupos populares é por em prática processos educativos capazes de contribuir para que os sujeitos envolvidos se apropriem da realidade e da vida em todas as dimensões (social, política, pessoal, comunitária etc. (ANDRADE, 2006, p. 25).

Sobretudo quando se tem a perspectiva da "construção coletiva do conhecimento, identificando a comunidade como produtora de saberes que reconhece suas referências culturais inseridas em contextos de significados associados à memória social do local." (IPHAN, 2014, p. 20).

Buscando responder a esse critério norteador da Educação Patrimonial, no decorrer das Oficinas Pamin o processo ensino-aprendizagem foi mediado por um conjunto de ações que

[15] Neste sentido a dissertação apresentada por Silva (2012) na Pós graducação em Informática da UFPB destaca-se também como um produto acadêmico que extrapola o ensino de graduação e se estende até a pesquisa em pós-graduação, articulada a uma experiencia de extensão universitária.
[16] Projeto da Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional na Paraíba. Mais informações através do site http://casadopatrimoniojp.com/?page_id=2

compõem o fazer metodológico na construção dos saberes, já que "ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção." (FREIRE, 1996).

Pensamos, como Macedo (2004), que

> Uma prática curricular consistente somente pode ser encontrada no saber dos sujeitos praticantes do currículo, sendo, portanto sempre tecida, em todos os momentos (...). Não estamos falando de um produto que pode ser construído seguindo modelos preestabelecidos, mas de um processo através do qual os praticantes do currículo ressignificam suas experiências a partir das redes de poderes, saberes e fazeres das quais participam. (MACEDO, 2004, p. 41).

Dessa forma, buscamos aplicar metodologias com estratégias diversas para a apreensão de aspectos materiais ou imateriais da memória cultural do bairro: slides, mapas[17], filmes e documentários, sites internet[18], conversas informais, uso de computadores, aulas de campo, visitas exploratórias, caminhadas e todo o conjunto de elementos disponíveis- na maioria das vezes surpreendentes e inesperados, para trabalhar noções de memória e identidade com base nas vivências pessoais dos alunos com seu lugar de vida. Como destaca Macedo (2004, p, 88),"o conhecimento não é mera repetição, ou resultado da aplicação "correta" de métodos e técnicas. O ruído, o acaso, o outro e o diferente são fontes de conhecimento, e até mesmo as principais, já que os acontecimentos não estão, inteiramente, predeterminados". Trabalhando tais surpresas e "ruídos", nos relatou um monitor nos Cadernos de campo da Oficina Pamin 2013:

> [...]levamos os mapas de Mandacaru para eles identificarem os lugares que lhes remetessem alguma memória afetiva, eles ficaram muito empolgados procurando suas casas, suas escolas, a casa dos amigos. Nesse momento foi possível perceber o sentimento de pertencimento daquele lugar que faz parte da realidade deles, e de como eles ficaram felizes em perceber que o lugar onde eles vivem tem importância."(PAMIN, 2013, p. 20)

Destacamos também a utilização do cacto Mandacaru como elemento de identificação do bairro, sugerido pelos próprios alunos, e que funcionou como "mote" para o debate das trabalharam as identidades e redes locais, e que serviu como marca da Oficina Pamin no bairro. Como se vê no "brinde" de encerramento da Oficina, na figura 1.

[17] Utilizamos o mapa do bairro Mandacaru para que identificassem os lugares que remetiam a memórias afetivas (praça, escola, a feira, entre outros), destacando as representações cartográficas como produção de sentido coletivo (dominante, geral e impessoal), diferenciado das suas memórias- pessoais, impregnadas de subjetividade e sentimento.

[18] Muito material didático foi extraído de sites de busca como os populares Youtube, ou Google, além de outros sites de revistas, jornais, ONGs, projetos culturais, etc.

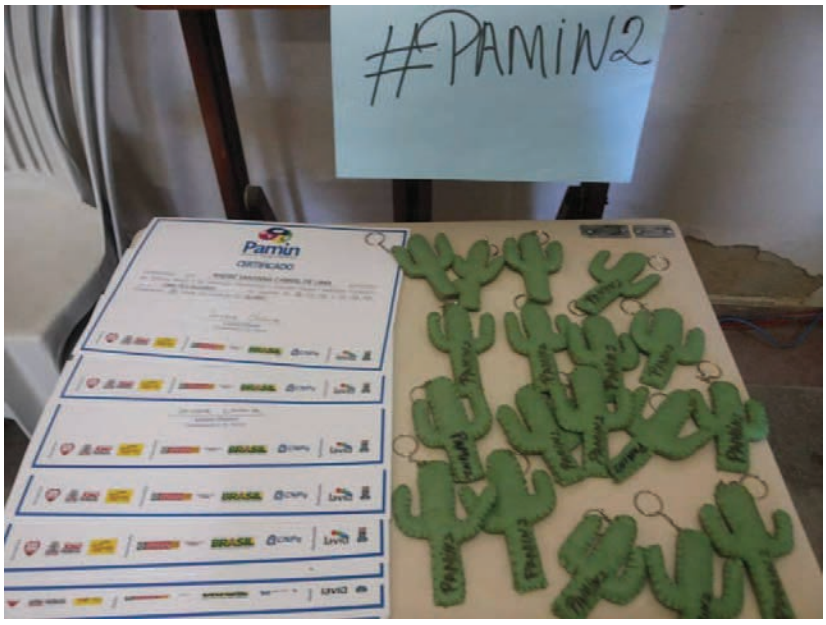

Figura 1: Chaveiros de mandacarus e Certificados da Oficina Pamin.
Oficina Pamin 2013, ONG Fé e Alegria.
Fonte: Acervo Pamin

Assim, durante a Oficina Pamin uma monitora indagou

> sobre o patrimônio cultural de Mandacaru. Perguntamos se eles reconheciam o que poderia ser patrimônio material e imaterial. Muitos recordaram certas festas tradicionais que existiam, e que "devido o alto índice de violência"[19], está se perdendo. Alguns alunos participam de grupos tradicionais como o "Ala Ursa"... Essa conversa com eles foi importante para mostrar a importância de valorizar o que faz parte da realidade de cada um, e assim conseguimos convencê-los a nos apresentar o bairro a partir da ótica deles. (PAMIN, 2013, p. 37).

A caminhada também se destaca como um importante momento da Oficina, corroborando Michel de Certeau (1996), para quem o ato de caminhar ″é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre (...); é uma realização espacial do lugar (...); enfim implica relações entre posições diferenciadas.". (1996, p. 177). Também para os monitores Pamin as caminhadas foram importantes elementos enunciativos, para a comunicação e o conhecimento, quando puderam

> perceber a realidade na qual eles estão inseridos. A caminhada foi longa, mais bastante prazerosa, fizemos exatamente o trajeto que eles fazem todos os dias para ir de casa até a ONG Fé e Alegria. O interessante era que cada um queria mostrar onde

[19] Apesar de manter sua dinâmica cultural e artística nos dias atuais, vemos como os próprios atores locais reproduzem a fala dominante sobre o bairro, que é apresentado sistematicamente pela mídia da cidade como um bairro violento e perigoso. Sem pretender minimizar as causas e efeitos dessa situação que é real, sabemos das conseqüências dessa "subjetivação da inferioridade" para a consciência coletiva e para a auto estima da sua população. (ELIAS, 2000).

> morava, onde estudava, onde seus parentes moravam, os lugares proibidos de freqüentar (como por exemplo, um beco onde acontece trafico de drogas). Depois, passamos pela linha do trem, e assim, com a nossa caminhada pudemos conhecer um pouco mais do bairro e dos alunos a partir das suas experiências. (PAMIN, 2013, p. 35).

Também houve visita ao Mercado do bairro, onde houve conversas com alguns feirantes e registros fotográficos pelos alunos. A praça que ficou conhecida como "Praça da Macumba", em Mandacaru, também foi um interessante elemento da territorialidade local que, através de uma caminhada no bairro, registrada na figura 2, desencadeou um intenso debate sobre identidades e práticas religiosas.



Figura 2: Grupo da Oficina em caminhada por Mandacaru, na Feira de Mandacaru. Oficina Pamin 2012, ONG Fé e Alegria.
Fonte: Acervo Pamin

Outro relato revela a dinâmica das identidades étnicas naquele contexto*:*

> Na aula onde conversamos sobre identidade, teve um fato que me chamou bastante a atenção, que foi quando uma das alunas, XXXX, foi falar sobre sua identidade, e demonstrar as coisas pela qual ela se identificava. Ela começou falando seu nome, sua idade, e sua etnia, que -segundo ela- é negra. Ela disse "sou negra, apesar das pessoas me chamarem de morena, eu me reconheço como negra, e é assim que gosto de ser chamada". O interessante foi que no momento em que ela disse ser negra, os outros alunos a repreenderam, dizendo que ela não era negra, e sim morena. E neste momento intervimos, e explicamos que a identidade é determinada pelo indivíduo, e se o mesmo se reconhece como tal deve ser respeitado. (PAMIN, 2013, p. 16).

Vemos que essas metodologias também tinham como intento estabelecer uma fusão de horizontes[20] entre os bolsistas e os alunos reforçando a

[20] A "fusão de horizontes opera uma *"intercomunicação de subjetividades inevitável no processo de compreensão: penetrando no mundo do outro com o nosso (...) as articulações do entendimento se realizam a partir de experiências potenciais."*. (CHIANCA,1991).

> construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural. (IPHAN, 2014, p. 19).

Efetivamente, para Paul Ricoeur (1978, p.251). "jamais, com efeito, o interprete se aproximará do que diz seu texto se não viver na aura do sentido interrogado. E, no entanto, só compreendendo é que podemos crer" Assim buscamos "caracterizar" o patrimônio e a cultura para os alunos das Oficinas: provocando a reflexão sobre seus hábitos cotidianos e também sobre certas ocasiões rituais ou "especiais" da sua existência, retirando sua "banalidade" e imprimindo nelas a marca da Memória e da Identidade (individual e social), para pensá-los como "culturais". Na figura 3 temos o registro da apresentação realizado pelos alunos da oficina realizada CRAS-Mandacaru.



Figura 3: Grupo da Oficina Pamin após momento de apresentação artística de maculelê, *hip hop*, *rap* e capoeira.
Oficina Pamin 2013, CRAS/Mandacaru.
Fonte: Acervo Pamin

Através do relato de um monitor Pamin perceber como esse debate é importante para o autoconhecimento e para o conhecimento do outro:

> Na primeira aula falamos sobre cultura, e confesso que me surpreendi com as respostas de alguns alunos, pois eu esperava ouvir dos alunos a noção “elitizada de cultura”, onde se compreende que só se tem “cultura” quem é “culto”, que escuta musica clássica, que lê bastante, entre outros tão propagados entre o senso comum. E percebi que a única pessoa que tinha um olhar condicionado naquele momento era

> eu.". Outro monitor revelou que em sua turma "perguntamos se eles tinham cultura, e essa pergunta causou certo silêncio na sala. Mas depois fomos introduzindo e mostrando que eles são produtores de cultura, que todos nós produzimos cultura! (PAMIN, 2013, p. 44).

A partir destes relatos, vemos como as Oficinas tem importância não apenas para a formação do seu público e dos alunos da UFPB, mas que através delas podemos detectar a existência de histórias e memórias locais que se expressam através da cultura material e também nas expressões imateriais da existência- ruas, "bairros", comunidades, cidades:

> Afinal de contas o que fazemos no dia-a-dia, o nosso modo de falar, nossas gírias, maneiras de se comportar, as comidas que fazem parte do nosso cardápio diário... tudo isso faz parte da nossa cultura, seja ela local ou regional. Particularmente, essa foi a aula mais empolgante em ministrar. O objetivo era levar os alunos a refletirem sobre si mesmos e os diferentes elementos culturais que encontram no seu cotidiano; na televisão, na padaria (...) questionar os próprios hábitos e pensá-los como culturais. (PAMIN, 2013, p. 36).

Através dessa discussão aproximamo-nos da cultura digital, destacando a sua real influência na experiência contemporânea desses jovens e adultos, em níveis cotidianos de exposição (através das mídias) e utilização (pelos suportes), como pudemos verificar através das Oficinas: "Hoje ninguém fala em real life. O digital virou parte do real life . Mesmo os excluídos vivem num mundo de tecnologias digitais. A pessoa passa a usar um cartão de banco para receber a sua aposentadoria rural, isso é parte da digitalização do mundo." (PALÁCIOS, 2009, p. 253).

Assim, o interesse que cerca esse tema não foi menor em Mandacaru:

> A aula sobre cultura digital foi a que teve maior participação da turma, todos tinham alguma coisa pra falar foi uma troca de experiências. Nessa aula conversamos sobre a inclusão digital, mostramos um slide sobre cultura digital e enfatizamos uma conversa a respeito de como os aparatos tecnológicos fazem parte do nosso cotidiano. Aí todos comentaram a respeito do celular, das redes sociais, do Facebook principalmente. Mostramos também aparelhos antigos (uma máquina datilográfica, um disco em vinil, uma fita cassete áudio, uma fita vídeo cassete), e conversamos sobre o avanço tecnológico, como esses aparelhos foram substituídos por outros... que, no entanto, fizeram parte de uma estrutura social diferente da nossa e que foram tão importantes naquele momento quanto os aparelhos modernos e portáteis, como os celulares, notebooks, laptops, pen-drives, entre outros que usamos hoje em dia. (PAMIN, 2013, p. 53).

Mesmo partilhando desse universo altamente digitalizado, a maioria das pessoas não dispõe necessariamente da habilidade e do saber necessário "para converter essas tecnologias em conhecimento". (SANCHO, 2006). Assim, em contrapartida ao poder estabelecido, o Pamin utiliza os computadores e a cultura digital para a "transcendência da subcidadania" (RISÉRIO, 2009, p. 290), pois enquanto instrumento de formação e informação, os computadores e a internet podem contribuir para que se constitua uma efetiva "Educação Patrimonial" no sentido em que foca o patrimônio "como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação". (IPHAN, 2014, p. 191).

Sabendo que deveríamos empregar tais tecnologias e linguagens para reforçar a inclusão sócio tecnológica, reforçamos a dimensão patrimonial dos grupos e comunidades: muito mais que cadastrar-se ou acessar informações sobre o patrimônio cultural, apresentamos a Oficina, como mostra a figura 4, como um espaço de reflexão dialógica e o site Pamin como uma oportunidade rápida e gratuita de visibilização e empoderamento de pessoas, artistas, grupos e comunidades cotidianamente excluídas do sistema de informações controlado pela mídia convencional, podendo inclusive constituir-se em redes.



Figura 4: Oficina Pamin em laboratório de informática.
Oficina Pamin 2012, ONG Fé e Alegria.
Fonte: Acervo Pamin

Neste contexto da Oficina apresentamos aos alunos o site Pamin. A utilização do computador e do laboratório de informática foi de primordial importância como instrumento de formação, pois conhecer o site do Pamin proporcionou uma motivação suplementar aos alunos, que se inscreviam, consultavam seu conteúdo e refletiam sobre *"o que é interessante inserir, e*

porque inserir.". Os monitores Pamin também buscaram, "descobrir" na Oficina os eventos culturais, artísticos, ou elementos de destaque de Mandacaru na mídia digital local, embora tenha sido difícil *"controlar a turma, pois eles queriam acessar o Facebook ou ver vídeos no Youtube"...*

CONCLUSÃO

Propondo uma abordagem antropológica. tecnológica e educacional para as questões relativas à difusão e conservação de informações do patrimônio brasileiro, vemos que o programa Pamin busca responder a dois desafios complementares. O primeiro é de cunho sócio-antropológico; atento às condições sociais de produção da cultura e da memória, incluindo aí os desafios da educação patrimonial em contexto de cultura digital. O segundo desafio tem enfoque tecnológico, visando desenvolver essa ferramenta para os diversos contextos de digitalização contemporâneos como dispositivos móveis, redes sociais, colaboração e convergência digital.

À sua maneira, o Programa Pamin propicia o acesso à cultura digital e à educação patrimonial a setores da população geralmente excluídos desses recursos, fomentando as suas experiências, expressões locais e facilitando o acesso a estas informações por tantos quantos estejam interessados em compartilhar, conhecer e promover a diversidade cultural e a criatividade artística do Brasil de um modo democrático, livre e transparente. Através das Oficinas buscamos proporcionar aos inscritos uma reflexão sobre o patrimônio além de conhecer as diferentes representações, memórias e culturas locais. Finalizando vemos que para nossos bolsistas Pamin

> Foi muito interessante conversar com eles sobre a importância da preservação do patrimônio e escutar o que eles achavam sobre isso. Falamos a diferença de patrimônio "material" e "imaterial". Perguntamos se sabiam o que eram patrimônio imaterial e se eles identificavam algum patrimônio imaterial do bairro: muitos não sabiam o que era e nunca tinham ouvido falar em patrimônio ate então. (...) Em uma das aulas de campo uma equipe encontrou com o mestre de capoeira, conhecido por Baiano. Foi interessante ter encontrado com o mestre de capoeira porque conseguimos demonstrar concretamente o que viria a ser "patrimônio imaterial", e acredito que eles compreenderam. (PAMIN, 2013, p. 57).

REFERÊNCIAS

ABDALLA, Rodrigo; CASTILLEJO, Angel; CHIANCA, Luciana. *Brasil 4D*: estudo de impacto sócio- econômico sobre a TV digital publica interativa. Brasília: Banco Mundial/ EBC/ Governo de Espanha, 2013.

ANDRADE, Ilza Araújo Leão de. O trabalho social como fazer universitário: a experiência da extensão. In: ANDRADE, Ilza Araújo Leão de (Org.). *Metodologia do trabalho social:* a experiência da extensão universitária. Natal: EDUFRN, 2006.

ARANTES NETO, Antônio Augusto. Introdução. In: *Inventário Nacional de Referências Culturais*: INRC 2000: manual de aplicação. Brasília: IPHAN, 2000. Disponível em : <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=3415>. Acesso em: 7 fev. 2014.

BARBOSA, Karla; CHIANCA, Luciana. A (in) visibilidade do popular na mídia. In: XV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS- NORTE/NORDESTE (CISO), Teresina, 2012. *Anais do XV Encontro de Ciências Sociais Norte- Nordeste.* Disponível em : <http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/resumos/GT14-10.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2014.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*: do conhecimento à acção política. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2005. Disponível em: <http://biblio.ual.pt/Downloads/REDE.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2014.

CHIANCA, Luciana. Patrimônio, Memória e tecnologias digitais. In: TOLENTINO, Atila Bezerra (Org.). *Educação Patrimonial:* educação, memórias e identidades. João Pessoa: Iphan/Casa do patrimônio, 2013. Disponível em : <http://issuu.com/daniellalira/docs/caderno_tem__tico_03?e=0/5112056#search>. Acesso em: 7 fev. 2014.

_____. *Viva São João*: o santo e sua festa. 1991. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)– Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, João Pessoa, 1991.

_____. O modo de viver caipira. *Le Monde Diplomatique,* ano 3, n. 36, 2010. Disponível em:<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=737>. Acesso em: 7 fev. 2014.

COSTA, Antonio Firmino da. *Sociedade de Bairro.* Oeiras: Editora Celta, 1999.

COSTA, Marli Lopes da; CASTRO, Ricardo Vieiralves. Patrimônio Imaterial Nacional: preservando memórias ou construindo histórias? *Estudos de Psicologia,* Natal, v. 13, n. 2, 2008. Disponível em : <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2008000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 7 fev. 2014.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano:* artes de fazer. Rio de Janeiro: Ed Vozes, 1996.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders:* sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2000.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. In: *Fazendo antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: De Paulo, 2001. Disponível em : <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2163/1302>. Acesso em: 7 fev. 2014.

IPHAN. *Educação Patrimonial*: histórico, conceitos e processos. Brasília: Iphan/DAF/CEDUC, 2014. Disponível em : <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=4240>. Acesso em: 7 fev. 2014.

MACEDO, Elisabeth (Org.) *Criar currículo no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 2004.

MANEVY, Alfredo. Entrevista: política da cultura digital. In: *Cultura digital.br.* SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2009. Disponível em : <http://culturadigital.br/wp-content/blogs.dir/1/files/2013/06/cultura-digital-br.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2014.

PALACIOS, Marcos. Entrevista: memória digital. In: *Cultura digital.br.* SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2009. Disponível em : <http://culturadigital.br/wp-content/blogs.dir/1/files/2013/06/cultura-digital-br.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2014.

PAMIN. *Cadernos de campo 2013.* João Pessoa: circulação restrita, 2013.

PORTA, Paula. *Política de preservação do patrimônio cultural no Brasil*: diretrizes, linhas de ação e resultados: 2000/2010. Brasília: Iphan/Monumenta, Ministério da Cultura, 2012.

RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações.* Rio de Janeiro: Ed Imago, 1978.

RISÉRIO, Antônio. Entrevista: cultura digital.br. In: *Cultura digital.br.* SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2009. Disponível em : <http://culturadigital.br/wp-content/blogs.dir/1/files/2013/06/cultura-digital-br.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2014.

SANCHO, J. M. De tecnologias da informação e comunicação a recursos educativos. In: *Tecnologias para Transformar a Educação*. [S.l.]: Ed Penso, 2006.

SANTOS, Laymert Garcia dos. Entrevista: cultura digital.br. In: *Cultura digital.br.* SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2009. Disponível em : <http://culturadigital.br/wp-content/blogs.dir/1/files/2013/06/cultura-digital-br.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2014.

SILVA, Ana Claudia Costa da. *Uma abordagem orientada a features para representação e gerenciamento do patrimônio cultural imaterial*: um estudo de caso baseado no PAMIN. 2012. Dissertação (Mestrado em Informática). Universidade Federal da Paraíba, Centro de Informática, João Pessoa, 2012.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez Editora,1986.

TOSCANO, Geovânia da Silva. O fazer acadêmico e a relação com os atores da sociedade. In: XI CONLAB, 2011, Salvador. *Anais do ...* Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308356710_ARQUIVO_artigoconlab.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2014.